Nota elucidativa do Arquivo Histórico Estadual de Goiás sobre o artigo *Um grito pelo Arquivo Histórico Estadual* de Jales Naves publicado no jornal *A Redação*

Em resposta ao artigo publicado no jornal *A Redação*, no dia 29 de janeiro de 2021, sob o título *Um grito pelo Arquivo Histórico Estadual* de autoria do jornalista e escritor Jales Naves, nós, do Arquivo Histórico Estadual de Goiás (AHEG), manifestamos imensa satisfação por constatar nosso espaço se tornando objeto de discussão de figuras tão respeitadas pela sociedade goiana e em jornais de tamanho impacto. Mesmo que determinadas opiniões não nos sejam as mais agradáveis, elas são sempre enriquecedoras por nos ajudar a refletir sobre a multiplicidade de visões que existem sobre um objeto específico e, obviamente, repensar a existência do mesmo para, dentro das possibilidades, reinventarmos.

O texto supracitado pode resumir-se nas seguintes questões: 1 – dificuldade de acesso rápido e eficaz aos documentos de interesse do visitante e; 2 – situação em que o AHEG e seu acervo se encontram. A escrita do texto deixa em evidência o amplo conhecimento e preocupação do autor tanto sobre a história de Goiás quanto sobre o AHEG. E nós só podemos agradecer o carinho do autor com o AHEG.

Compartilhando dos mesmos sentimentos que motivou tal texto, elaboramos esta nota elucidativa.

Em relação a questão da dificuldade de acessibilidade ao nosso acervo, há alguns pontos que precisam ser esclarecidos, embora não justificáveis. O primeiro trata da situação peculiar que o visitante se deparou. No dia de sua visita o AHEG encontrava-se num momento de reestruturação interna. O singular, mas importante período foi marcado por bruscas alterações no quadro de pessoal. Por um lado, nossa coordenadora se afastava para licença maternidade e outros dois funcionários se despediam do AHEG e, por outro, novos funcionários se alocavam. Hoje, felizmente, o AHEG conta com sua coordenadora novamente em atividade, uma arquivista em formação, um historiador que realiza doutorado na Universidade Federal de Goiás, uma técnica em restauração e conservação com mais de vinte anos de experiência e com, não menos importante, nossa equipe de atendimento que executa suas atividades com a cortesia tão bem reconhecida por pelo jornalista Jales Naves.

O segundo ponto trata do sistema adotado por nossos catálogos. Temos convicção que sempre podemos aprimorar tudo aquilo que dispomos, porém mesmo assim atribuímos muito valor a nossos catálogos. Desde a formação do AHEG, foi ninguém menos que Marilda

Godoy Carvalho, a primeira arquivista profissional de Goiás, e Maria Carmem Lisita que realizaram a catalogação de nosso acervo. A catalogação contou com a participação de inúmeros outros arquivos, a saber, o estadual do Rio Grande do Sul, São Paulo e principalmente o Arquivo Nacional. Destacamos ainda a ilustre contribuição do professor Antônio César Caldas neste processo. Mesmo que o sistema adotado pelo AHEG possua algumas debilidades, ele não deixa de acompanhar os melhores padrões nacionais.

A segunda questão, da situação atual do AHEG, há uma delicadeza no assunto que precisa ser evidenciada. O tema transborda, como muito bem enfatizado pelo texto, não só as dimensões do AHEG ou de nossa região, e invade uma questão de nosso tempo, a modernidade. Talvez tenha sido o alemão Walter Benjamin quem melhor denunciou, já em meados do século XX, certo lado perverso deste período, grosso modo: o do descolamento com o passado. O passado não tem para nosso tempo a digna importância que deveria ter.

O AHEG, frente às inúmeras adversidades, sempre se reinventou visando aprimorar a preservação e conservação do patrimônio documental do estado de Goiás. As próprias Marilda Godoy e Carmem Lisita foram responsáveis por encampar projetos de criação de arquivos municipais. Os poucos jornais recebidos de doações, por exemplo, foram agrupados com grande engajamento para a preservação, mesmo que suas páginas já estivessem escassas ou danificadas. As doações que o AHEG recebe sempre foram tratadas com muito carinho pelas suas arquivistas. Não só no seu passado, mas também atualmente o AHEG fica atento aos pormenores das técnicas mais eficazes de preservação e restauração de documentos. Mesmo com suas dificuldades, a preservação do patrimônio documental do AHEG sempre foi primordial para sua gestão.

Certos de que a intenção do texto é a de valorizar não só o AHEG como também toda a memória e o patrimônio goiano, o AHEG entende que possui inúmeras dificuldades e que sempre poderá se reinventar para melhor. Toda nossa energia vem das pessoas que, como o escritor e jornalista Jales Naves, preocupam-se com a vida do AHEG. Todos os conselhos e sugestões que forem viáveis e aprimorem nosso sistema de funcionamento são bem vindas e serão sempre aplicadas, considerando sempre a nossas possibilidades.

Atenciosamente,

Marília Lourenço Mesquita – Coordenadora do Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

Ricardo Leonard Alves – Historiador do Arquivo Histórico Estadual de Goiás.